

Poesia (território sagrado) e Cinema (acólito devoto)

Maria João SEIXAS¹
Licenciada em Filosofia

Resumo: Entre a Poesia, como “território sagrado” e o Cinema, seu “acólito devoto” pretendeu-se trazer à discussão uma relação difícil e improvável. Foi a partir de *A cor da Romã* (1968), de Serguei Paradjanov, que Maria João Seixas se propôs contribuir para uma reflexão sobre a relação entre o Cinema e o território literário, nomeadamente, a Poesia.

Palavras-chave: cinema, poesia, *A cor da Romã*, Serguei Paradjanov, Sayat-Nova

Abstract: *Between Poetry, as “sacred territory” and Cinema, its “devout acolyte” it was intended to bring to the discussion its difficult and improbable relation. It was from The Color of Pomegranate (1968) by Serguei Paradjanov, that Maria João Seixas set out to contribute for a reflection between Cinema and the literary territory, Poetry.*

Keywords: *cinema, poetry, The Color of Pomegranate, Serguei Paradjanov, Sayat-Nova*

No seu contributo para o *IV Encontro Internacional Cinema & Território*, Maria João Seixas, conferencista convidada, propôs-se trazer para análise e discussão o filme *A cor da Romã* (1968) do realizador arménio Serguei Paradjanov, num confronto com a poesia de Sayat-Nova, a partir de um gesto a que já habituou o seu público: “à conversa com...”. Iniciou a sua conferência com um registo pessoal de agradecimento à organização, afirmando não se rever no papel de conferencista, revelando, no entanto, grande abertura e disponibilidade para tal tarefa, como ficou registado:

Uma pessoa que não traz papéis escritos para conferências, atrapalha-se e é como estou agora... Acho que pensei umas coisas e vou dizer outras. Não se importem, porque tudo o que disser é sincero e sei que faz sentido com o que propus para esta sessão.

Atenta ao público presente, a oradora prosseguiu, trazendo sempre à conversa a sua experiência mais próxima e mais pessoal:

Regressando à nossa amiga Margarita [Ledo Andión], que falou tanto e tão bem, mostrou imagens tão espantosas e comoventes sobre a diáspora galega, no fundo sobre a emigração de que os portugueses também podem falar e têm falado. Sou... podia ser emigrante, mas não sou, podia ser retornada, mas não sou... nasci em Moçambique, com uma grande alegria por ter nascido em África, continente esquecido por muitos, aproveitado por outros, sugado por tantos, mas que tem os ingredientes de magia que, desde aí, sempre acompanharam a minha vida e o meu interesse. Vim para Portugal antes da independência de Moçambique e, portanto, não sou retornada, mas de alguma maneira, quando me perguntam (e já disse isto muitas

¹ Jornalista, autora e diretora da Cinemateca Portuguesa (2010-2013).

vezes em público) onde é que está o meu território de origem, onde estão as minhas raízes, digo sempre que estão no oceano Índico: o mar também tem raízes e também dá raízes; as minhas estão no mar. Andei com os meus pais de cidade em cidade, Moçambique e Angola (pouco), nunca me fixei, nunca tive aquele grupo de meninas amigas do Colégio, porque andava sempre a mudar de colégio e de professoras; é, de facto, o Índico que me faz sentir EU. Que me devolve a minha identidade. A minha identidade é Índica!

Como é que se escolhe, para espaço definidor de um território, uma dimensão que é intangível, a Poesia? O território é definido, normalmente, pela sua dimensão terrena e térrea de espaço, pela sua tangibilidade. Há males que vêm por bem - quando comecei a falar era muito gaga e uma tia minha, que também vivia em Moçambique e que era apaixonada por poesia, sobretudo a russa e a francesa, (vivia na Ilha de Moçambique, outro espaço mágico) obrigava-me a uns exercícios diários de leitura de poesia, em língua francesa, que não conhecia e em língua russa, que muito menos conhecia, mas era a musicalidade da poesia e do poema, seja em que língua for, que me ia pautando a fala. Se alguma vez lerem um poema, ou vos apetecer fazer um exercício depois de me terem ouvido, leiam-no alto, alto. Para vocês mesmos, mas alto e vão perceber que o poema, ao contrário da prosa, tem música dentro de si. O poema... a poesia... o poema pode-se tocar, numa folha de papel, no computador... a poesia, não. Na poesia há uma espécie de sopro, que os crentes dirão divino, um sopro de uma outra realidade, que não conhecemos nem nunca conheceremos. No entanto, desse sopro, a poesia, os poetas, tentam que nos entendamos melhor e percebamos melhor o mistério das coisas: o mistério do ser, o mistério da existência. Daí o sopro divino. Essa mesma tia ensinou-me outra coisa: que a poesia, como a literatura (dirão), pode ser uma arma poderosíssima. E, mesmo que não sintamos o apelo para a luta contra as injustiças, saibam que, os poetas são sempre os primeiros a ser perseguidos em regimes ditatoriais. E a minha tia, por isso, ensinava-me russo, faziam ler os poemas de Osip Mandelstam. Podem imaginar o que eu percebia. Tinha nove anos... Mandelstam foi preso pelo terrível regime estalinista (perseguido, preso e morto). Para que não fossem esquecidos, a mulher e os amigos iam memorizando os poemas, porque, estando preso, a sua obra viria a ser destruída. Comecei a memorizar poemas.

Um poema de Baudelaire, foi decisivo. Quando cheguei ao pé da minha mãe a dizer que sabia, de cor uns versos de Baudelaire, a minha Mãe pôs-se em posição acolhedora; comecei a dizer o poema que se chama Enivrez-vous. Il faut être toujours ivre... » (“é preciso estar-se sempre embriagado”) e disse o poema com grande convicção (a minha Mãe estava horrorizada); o poema acaba assim « Enivrez-vous sans cesse! Mais de quoi? (Mas de quê?) De vin (de vinho), de poésie (de poesia) ou de vertu (ou de virtude) ». Foi a coroa de glória... passei a embriagar-me de poemas. Muito mais que os textos dos meus filósofos, ou os textos dos meus escritores são os poetas que me convocam a ser. Que me convocam a ser inteira. Que me convocam à integridade que possa praticar, exercer e viver. São os poetas. Não há nada mais difícil, do que tratar poesia em cinema. A poesia escorre pelas esquinas da câmara, da objetiva. Esconde-se, transfigura-se, mas não se deixa dominar, nem sequer exprimir. Há programas sobre poesia. A RTP fez uma série, há muitos anos com o Mário Viegas, que ainda hoje vale a pena ver. Mas é um programa de poemas. Não é a mesma coisa que tratar, que plasmar em imagens e sons uma aproximação à linguagem poética. Não conheço outro realizador, outro filme que respire poesia, ao

lado da poesia, como se fosse poesia, como este que iremos ver. Mas antes vou-vos ler um poema do poeta brasileiro, Manuel Bandeira. É um poema que nos propõe um território inventado pela poesia. Este poema foi vital para a minha geração. Vivíamos sob o antigo regime. O fascismo não era propriamente muito generoso com as liberdades que a adolescência queria sonhar, nomeadamente para combatê-lo; tudo o que era escape, uma espécie de ir à fonte e beber para voltarmos mais fortes. Ora oiçam com atenção. O poema chama-se: Vou-me embora pra Pasárgada:

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe - d'água.
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro De
impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar

- Lá sou amigo do rei -
Terei a mulher que eu
quero Na cama que
escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Antes de apresentar o público com um trecho do filme em análise, Maria João Seixas retoma o seu tema com algumas palavras sobre a relação entre o realizador Serguei Paradjanov e o objeto tratado, a poesia de Sayat-Nova, procurando mostrar a relevância desta relação no título da sua conferência: *Poesia (território sagrado) e Cinema (acólito devoto)*:

Durante o tempo em que Paradjanov esteve preso, os realizadores soviéticos intercederam e ele em vez de estar dez anos esteve só nove. Antes de morrer de cancro ainda fez dois ou três filmes, em que o seu nome era o segundo nos créditos, porque já não tinha forças e não queria comprometer a realização, mas nada consegue ser mais notável, para mim, do que Sayat-Nova. Obra-prima, de um simbolismo carregado, de um dramatismo desconhecido por nós, a encenação dramática também depende da idiosincrasia cultural de cada povo. De facto, sei pouco do povo arménio, para além daquelas coisas horríveis dos massacres, agora, nitidamente este senhor e os poetas medievais arménios, como ele diz, Sayat-Nova e outros eram donos e senhores da poesia lírica de todo o mundo. Pode ser que algum de vocês queira mergulhar nessa investigação e fazer qualquer coisa. Tenho sempre esta esperança... já que não tenho jeito para fazer coisa nenhuma, a não ser estar à conversa e gostar de ouvir os outros. Por aqui me fico, se quiserem fazer perguntas, se quiserem confrontar-me com alguma coisa... Confrontar Sayat-Nova [Harutyun Sayatyan], confrontar Serguei Paradjanov, confrontar o cinema, confrontar a poesia... está na vossa hora de fazer isso...

Visionados os trechos que escolhera para a sua conferência, foi aberto o debate. Sobre o pictórico das imagens apresentadas e após questões colocadas pelo público, continuou:

A iluminura, as iluminuras medievais, sempre me fascinaram pelo lado celebratório, quer dizer, o texto existia, era para ser lido, mas aquela outra narrativa que os acompanhava (aquelas figurinhas, aquelas árvores, aqueles passarinhos, aquele céu, aquele requinte, minimalista quase, na cor, no traço) sempre achei que acentuava a celebração da leitura do que estava nas páginas que as acompanhavam. É esse lado de celebração, quando se fala do sagrado, ou do espiritual, ou do transcendente, ou do... chamem o que quiserem que me move e comove. Até podem chamar Deus, que ninguém se ofende... embora não seja da celebração religiosa que estou a falar. É o sentido de celebração comum relativamente àquilo que gostamos de fazer, de ver, de ouvir, de contar... Mesmo que seja da coisa mais tosca. Se gostarmos um bocadinho, devemos celebrá-la. O sentido de celebração é uma espécie de passaporte nosso para a eternidade. É uma aproximação de uma área maior do que aquela que pisamos e isso é muito consolador, muito estimulante. Celebrar. Celebrar aquilo de que gostamos. Não é só dizer que gostamos e passar ao lado. Celebrar. Celebrar exige algum tempo. Tempo interior...

Elementos recolhidos por Anne Martina Emonts e
Teresa Norton Dias

Bibliografia de referência

- Bandeira, M. (1930). *Libertinagem*. Rio de Janeiro: Paulo Pongetti & Co.
- Baudelaire, C. [1864] (1975). *Enivrez-vous. Le spleen de Paris XXXIII*. Œuvres complètes, Bibliothèque de la Pléiade. Paris, Éd. Claude Pichois Nouvelle édition. NRF
- Paradjanov, S, Andranikyan, S., Armenfilm Studio (Produtores) & Parajanov, Sergei (Realizador). (1970). *A côr da Romã [Sayat Nova]*. [DVD]. Portugal: Midas Filmes.
- Steinmetz, J.-L. (ed.). (2003). *Les Spleen de Paris. Petits poèmes en prose*. Paris: Livre de Poche.